

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A mística do mst como estratégia de luta.

Thiago de Góes.

Cita:

Thiago de Góes (2009). *A mística do mst como estratégia de luta*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2204>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A mística do mst como estratégia de luta

Thiago de Góes

Mestrando em Sociologia pela

Universidade Federal do Paraná

thiagoes@gmail.com

Procuramos compreender através da pesquisa deste trabalho a prática cotidiana ritualizada, os seus significados e implicações dentro da Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) - no Assentamento do Contestado, na cidade da Lapa-PR. Este ritual, com uma forte carga religiosa é considerada por muitos como cheia de arcaísmos, como reminiscência de um passado que não se adaptou à modernidade inevitável. Refletindo acerca das concepções e percepções da mística neste sentido, procuramos compreender como ela se insere neste movimento, que resgata certas tradições rurais esquecidas, imprimindo na luta pela terra, um significado próprio, criando com isso mais uma frente a ser explorada pelo conjunto dos movimentos sociais na construção de uma outra realidade.

Podemos afirmar que este ritual de prática cotidiana organizada pelo MST possui três pilares, que norteiam todo o espectro ideológico, político, religioso e pedagógico do movimento: o messianismo camponês; a fé cristã na vida eterna, elemento presente na Teologia da Libertação; e a esperança socialista de construir aqui na Terra uma sociedade igualitária e verdadeiramente democrática, a partir de seu próprio mundo e de seus próprios termos. Muitos componentes simbólicos e materiais desta mística guardam relações diretas e indiretas com as questões políticas e religiosas. Constituindo elementos essenciais para o presente trabalho.

Buscamos identificar na produção intelectual de autores ligados à Teologia da Libertação e ao pensamento marxista o debate entre temas que são elementos constitutivos da prática ritual cotidiana realizada pelos integrantes do Movimento. Dessa forma, ela será abordada a partir de algumas questões que nos parecem fundamentais.

A primeira delas é a religiosa, representada pela Teologia da Libertação. Teologia esta que foi amplamente utilizada por duas das principais organizações da Igreja Católica que deram suporte institucional para a construção do MST – as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), criada em 1960, e a CPT (Comissão Pastoral da Terra) criada em 1975. Acreditamos que ela combina aspectos românticos e anticapitalistas e aspectos utópicos voltados para o futuro, como a aspiração de uma sociedade comunal – a busca pela comunhão cristã. O segundo é o aspecto essencialmente político contido na crítica marxista da sociedade capitalista e seu projeto de uma sociedade sem classes nem opressão. Este trabalho terá por meta ampliar a discussão sobre o tema deste ritual, e também da reafirmação do componente religioso e místico na esfera pública das discussões políticas, compreendendo esta prática ritual denominada de “mística” com base nos relatos e entrevistas realizadas com os alunos da ELAA.

Nossa análise teve por base a pesquisa e leitura de documentos do MST, cadernos de formação política e formação pedagógica do próprio movimento e textos acadêmicos e políticos produzidos no Brasil, buscando filtrar o material referente a esta monografia e identificar as linhas gerais e as possíveis identificações com as demais teorias, estabelecendo uma comparação tanto entre textos e documentos selecionados como fonte bibliográfica brasileira e demais contribuições teóricas e empíricas de intelectuais e movimentos sociais de outros países.

Através da realização das entrevistas e da observação participante, estabelecemos um debate entre as diferentes perspectivas abordadas, de maneira a inseri-las dentro da problemática sociológica, condição necessária para melhor compreensão tanto de seus pontos de vista quanto de

seus interlocutores. Utilizando da perspectiva benjaminiana sobre o conceito de história visamos aprofundar a reflexão sobre este processo social significativo na estruturação do convencionalmente chamado “movimento social rural”.

Além da investigação teórica, outra etapa fundamental do nosso trabalho consistiu na pesquisa de campo feita no Assentamento do Contestado no Município da Lapa – PR do MST (localizada à 70 Km de Curitiba). A escolha por este assentamento não se dá apenas baseado na história do local, onde ocorreu um dos mais importantes conflitos messiânicos/milenaristas do país¹, mas por ter sido fundada neste local a ELAA, um projeto do MST com a Via Campesina em articulação com o Governo da Venezuela e a UFPR, esta escola conta com educandos oriundos de 18 estados brasileiros além de diversos países da América Latina, e por ser um importante modelo da política posta em prática pelo MST para a construção de uma nova matriz de produção, baseada na agroecologia e na preservação do meio ambiente. No local estão sendo formados tecnólogos em Agroecologia para contribuir no avanço deste modelo de produção no campo, além da formação pedagógica dos educandos, que tem em seu currículo não apenas matérias técnicas, mas também da área das ciências humanas como Filosofia, Economia Política.

A visita ao assentamento proporcionou contato com os assentados, com os alunos da ELAA (encarregados de realizarem as representações da mística todos os dias) e com os líderes do Movimento, conhecimento do espaço de atuação no assentamento, suas formas de organização, suas diferentes estratégias de ações, seus problemas e propostas de soluções.

Essa experiência foi muito rica, tanto pessoalmente, quanto profissionalmente, pois permitiu vivermos uma realidade muitas vezes desconhecida, que ao mesmo tempo em que tem suas grandes dificuldades, também há uma solidariedade, um companheirismo que facilita a convivência, que de certa forma faz com que continuemos com mais força ainda, perseguindo nossos objetivos. Por outro lado foi possível vislumbrar a realização de projetos políticos na prática cotidiana, os debates em torno de idéias, programas, as discussões mais acaloradas acerca de concepções políticas, na maneira de organizar determinados grupos.

As perguntas deste trabalho podem se dividir em duas etapas distintas. A primeira foram as realizações das perguntas teóricas, como trabalhar com a hipótese e extrair dela uma resposta satisfatória, utilizando a revisão bibliográfica feita durante a preparação da pesquisa e a segunda se

¹ A Guerra do Contestado ocorrida entre os anos de 1912 e 1916, na área de litígio que compreendia nordeste do Estado de Santa Catarina e o sudeste do Paraná. Conflito este que tinha por antagonistas agricultores expropriados de suas terras e latifundiários e empresários estrangeiros, culminando em uma revolta de grandes proporções, obrigando uma severa intervenção do Governo Federal, o que provocou a dizimação da população que participou do levante (em sua maioria camponeses pobres e religiosos).

resume às perguntas feita para os entrevistados, que davam conta de confirmar ou refutar esta hipótese.

Um ponto analisado, na continuidade deste tema, é a questão da redenção dentro da simbologia da mística, que seria um conceito não apenas transcendental, mas histórica, no sentido que nos diz Michel Löwy, porque esta redenção “profana” só acontecerá com o trabalho e as reivindicações e lutas do próprio povo, de nada adiantando esperar que um indivíduo apenas faça-a. Dessa forma o único messias possível é a coletividade.

De acordo com Laura, uma das entrevistadas na ELAA, esta redenção se daria através da luta, luta esta, também entendida como uma mística: “A gente quer uma sociedade diferente, transformar o sistema, pro trabalho, pra gente ter uma vida digna. Então a redenção do nosso povo está na luta! Sempre, sempre!”.

Visando estabelecer uma mediação entre as lutas emancipadoras, históricas, “profanas” dos homens e o cumprimento da promessa messiânica, a mística realizada pelo Movimento incorpora essas noções de religiosidade (tendo como base a Teologia da Libertação), de socialismo e a esperança messiânica, através da solidariedade e da oração, que de acordo com Laura possui um caráter dialético/dialógico, algo que se aproxima bastante da concepção de Frei Betto quando ele diz que:

teoria é sempre a reflexão que se faz do contexto concreto, isto é, deve-se partir sempre de experiências do homem com a realidade na qual está inserido, cumprindo também a função de analisar e refletir essa realidade, no sentido de apropriar-se de um caráter crítico sobre ela. Esse caráter de transformação tem uma razão de ser, pois provém antes de tudo, da sua vivência pessoal e íntima numa realidade contrastante e opressora, influenciando fortemente todas as suas idéias. (BETTO, 1996, pág. 76).

Pois para **Laura**, as crenças religiosas são perfeitamente congruentes com o aspecto dialético, presente na sua concepção da palavra oração:

O ser humano pode estar em qualquer lugar, mas se ele não tiver a oração e a fé, não tem nada para ele, ele recua.

Tudo o que existe nesse mundo tem Deus. Mas tem que ser levado em conta a ação, na oração tem que ter ação, daí vem a palavra né?

Então como movimento a gente procura resgatar essas duas coisas, que pra mim elas são os elementos-chave da mística.(LAURA)

Esta prática ritualística, arraigando suas influências dentro da temática camponesa, pode se apresentar como um objeto que perpassa vários aspectos da vida rural, influenciando inclusive na afirmação da cultura dos trabalhadores rurais enquanto uma cultura de resistência, e potencialmente libertária que reafirma um modo de vida contrário ao capitalismo. O capitalismo aqui transcende o sentido de uma organização específica da economia e passa ser visto como um sistema que violenta o trabalho e a terra através das práticas do agronegócio, de utilização de produtos químicos e sementes transgênicas e de superexploração do trabalho e da terra, ampliando a destruição do meio ambiente e esmagando assim a cultura do homem do campo. Se confirmada dessa forma, a mística se constitui como fator de suma importância para o resgate e fortalecimento da luta contra o projeto de modernidade capitalista.

Assim sendo, todo ato religioso no MST se configura como um ato político, assim como, a mística entendida aqui, pelos militantes, é uma relação social, uma prática social transformadora e eminentemente política.

Ouvindo Chicão, aluno da ELAA e um dos fundadores do Movimento, entendemos que a mística do MST também é fruto de uma influência da Igreja Católica misturada à experiência cultural dos camponeses e a experiência acumulada pela teoria marxista e que hoje o movimento se vê como responsável por propagar e multiplicar essas experiências, pois já foi capaz de transformá-las de acordo com seus referenciais.

E que a fé cristã e a fé marxista possuem os mesmos objetivos, embora possuam também caminhos distintos que podem em alguns momentos da história se cruzar:

Então a mística está baseado em duas questões que colocam o sonho para você pensar em uma sociedade diferente. Então as duas fontes colocam isso, então os caminhos são diferentes. Os dois tratam por caminhos diferentes, o catolicismo e o marxismo. A mística, tanto

de um lado como do outro cultuam. E os caminhos para se chegar a vitória são diferentes e muitas vezes se cruzam. São diferentes, mas pelo anseio do povo, eles se cruzam nesses caminhos. Então eu vi muitas pessoas que do ponto de vista da prática eram marxistas e eram religiosos, porque aqui também não dá para analisar as questões do marxismo e da religião da mesma forma que eram analisadas no Leste Europeu, porque a Igreja era diferente. Aqui a Igreja é diferente, ela se aproxima muito, tanto o marxismo se aproxima da Igreja, quanto a Igreja se aproxima do marxismo. Então para mim a mística se torna uma prática para as duas fontes de filosofia, que muitas vezes não tem contradição, porque muitas vezes elas existem independentemente de qualquer grupo, o tipo de mística que faz.(CHICÃO)

Sabemos que esta prática ritual (denominada de mística pelo próprio MST) foi analisada sob vários aspectos já abordados por diferentes áreas do conhecimento humano. O que nos interessa aqui é saber se os conceitos mobilizados nessa análise se aplicam na prática cotidiana de um assentamento ou acampamento do MST – no caso deste trabalho a ELAA. Estamos interessados em saber se esta prática cotidiana ritualizada, na forma utilizada pelo MST, possui um protagonismo na estratégia de luta empregada pelo Movimento.

Ao reafirmar a importância dos movimentos sociais rurais, e em particular seus simbolismos, procuramos ressaltar a importância que esse movimento teve ao longo da nossa história e tem no atual cenário político nacional, sendo capaz de propor não somente a reforma agrária (mote principal das reivindicações), mas ousar propor uma nova forma de sociedade, dando provas concretas de um modo de vida qualitativamente diferente, distinto da civilização industrial capitalista, permitindo compreender assim toda a sua complexidade e reafirmar o papel do ritual místico como estratégia de coesão social e identitária em uma estratégia de luta.

A mística, no entanto não é somente um conhecimento pessoal, mas integra um sentimento de pertencimento a um ideal coletivo. Ela faz mais que isso, de acordo com Bogo, a “unidade da luta, concebida como fundamental pelos sem-terra, realiza-se no presente pela idéia da nação” (BOGO, 2000),

Michael Löwy afirma que neste aspecto, a mística, de dimensão religiosa não é uma fuga do político para o místico, mas uma forma de “busca do desvio absoluto” que permitiria à utopia subverter os jogos políticos clássicos, situar-se em relação à questão revolucionária.

E vai além, a mística seria uma forma de reencantamento do mundo, uma forma de romper com um mundo sem “magia”, desencantado pela modernidade capitalista, uma modernidade que nega a redenção, e isso seria uma catástrofe, pois para Löwy:

A ausência de redenção, indicador religioso de uma época maldita, corresponde a ausência da liberdade no universo sufocante do arbítrio burocrático. É apenas de modo latente que se projetam a esperança messiânica e a esperança utópica: o radicalmente outro. (LÖWY, 1989, pág. 75)

Dessa forma, a mística provê aos sem-terra a certeza no triunfo de sua luta, ao trazer à consciência a força coletiva presente na manifestação. A mística proporciona, portanto, uma transcendência tanto à árdua vida dos sem-terra como ao próprio Movimento. O sentido do dever tem que brotar do interior do militante como um caráter de dedicação e segurança pela própria vida e pela continuidade do Movimento, para que as “brasas da Mística permaneçam rubras e ardentes” (BOFF, 1996).

Frei Betto comenta sobre o papel da mística no Movimento e qual sua principal tarefa ao afirmar que:

se deve aprofundar a mística e empreender a construção do homem e da mulher novos a partir dela. É a mística que motiva e imprime sentido à nossa vida individual e ao nosso esforço comunitário ou coletivo. A mística de natureza religiosa se nutre nas fontes da oração, na meditação da Bíblia, no exemplo de Jesus e dos grandes mestres espirituais; enquanto de natureza laica, no exemplo dos grandes militantes da utopia como Gandhi, Luther King, Che, Zumbi, Chico Mendes, etc.

Esses valores devem estar enraizados no coração. Isso exige um aprofundamento de nossa subjetividade. Nossa esperança não é só

política. É também espiritual. Os novos valores devem ser vividos nas relações interpessoais, de gênero, família e companheirismo, sem o risco de se transformar em militonto, aquele que participa de tudo mas, na vida pessoal, contradiz o que prega e defende, pois jamais reserva tempo à oração, à família, ao estudo, ao lazer, tornando-se suscetível de perder o equilíbrio mental e a saúde física e espiritual. (BETTO, 1996).

Isto está de acordo com o que todos os entrevistados revelaram de diferentes modos, acerca da mística e seus pilares, que auxiliam na construção de uma nova política para o Movimento e que está resumida na fala de Chicão:

Não é outro tipo de fé, a diferença é o caminho, aquilo que você sonha, acredita. A fé para mim é isso, aquilo em que você acredita. A religião acredita numa nova sociedade, eu também acredito nisso, sem explorados e sem exploradores, e tem muita diferença dentro da própria religião. Onde uns pregam para um caminho, outros para outro caminho completamente diferente. Agora, não tenho dúvidas que essa nova sociedade só é possível com a análise marxista da realidade, científica. Isso não impede de que o cristão lute para isso. Porque a crença é muito do sentimento humano, pode ser como pode não ser científico. [...] Como você vai dizer para uma pessoa que ela vai ter ou sentir uma coisa diferente da outra?

É muito difícil. Tem muitas pessoas que são cristãs – católicas ou evangélicas – mas acreditam no marxismo também. Porque a vida real para ser transformada tem que ser através da ciência, e não pura e simples através da religião, só a religião não transforma.

[...] Eu falo isso porque eu não sou católico, me considero cristão, mas não católico. Mas na filosofia marxista os católicos e evangélicos da libertação se somam conosco, são companheiros da mesma luta, embora dentro das suas crenças. (CHICÃO)

Assim a mística seria uma “percepção do caráter escondido, não comunicado da realidade”, que, como explica Leonardo Boff, “não é o limite da razão, mas o ilimitado da razão”. (BOFF, 1996)

A palavra mística possui vários significados: para Gustavo Gutierrez ela significa “beber no próprio poço”, mas também pode significar solidariedade, espiritualidade, luta, ritual, oração, prática libertadora, partilha

Quem tenta lutar pela vida, lutar por uma vida digna e sem injustiças, começa a analisar, sempre, o ambiente em que ele está, pois no início se trabalhava muito com a questão da partilha, uma forma de solidariedade, mas o que era a partilha? Era a partilha do pão, exemplo bíblico. Mas que tipo de pão iria para essa partilha? Que milagre acontece na partilha? Então foi se estudando o que era essa partilha, onde se dava, com quem era essa partilha.(LAURA)

Os momentos em que a mística é celebrada não são momentos de alienação, ou algo que impossibilite a libertação do indivíduo e do coletivo, mas momentos em que os militantes se motivam, sinalizam com uma esperança de transformação da sociedade.

Todos esses valores são coroados pela utopia. O que percebemos é que a mística para esses assentados, alunos ou moradores é a própria vida tomada em sua radicalidade e extrema densidade. Por isso, essa mística deve possuir uma motivação, uma crença, uma fé.

Referências

-
- BETTO, Frei. **Cristianismo e Marxismo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOGO, Ademar. **O Vigor da Mística**. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/ANCA, 2002.
- BOFF, Leonardo. BOFF, Clodóvis. **Da Libertação: O Teológico das Libertações Sócio-Históricas**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOFF, Leonardo. BETTO, Frei. **Mística e Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- BOFF, Clodóvis. **Como Trabalhar com o Povo: Metodologia do Trabalho Popular**. Petrópolis: Vozes/IBASE, 1988.
- BOFF, Leonardo. BETTO, Frei. BOGO, Ademar. **Valores de uma Prática Militante**. São Paulo: Secretaria Operativa da Consulta Popular, 2000.
- BORDIN, Pierre. **Marxismo e Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- CATÃO, Francisco. **O Que é Teologia da Libertação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- COMPARATO, Bruno Konder. **A Ação Política do MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Programa da 22º Romaria da Terra do Paraná: 50 Anos da Revolta dos Colonos**. Curitiba: CPT, 2007.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____ **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.
- GUTIERREZ, Gustavo. **A Força Histórica dos Pobres**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- HOBBSAWM, E. J. **Rebeldes Primitivos: Estudos de Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: Aviso de Incêndio. Uma leitura das “Teses sobre o Conceito de História”**. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.
- _____ **A Guerra dos Deuses: Religião e Política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____ **A Mística da Revolução**. Acessado no endereço eletrônico <http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN3%20LOWI,%20M..pdf>
- LÖWY, Michael. SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia: O Romantismo na Contramão da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARTINS, José de Souza. **Reforma Agrária – O Impossível Diálogo**. São Paulo: Edusp, 2000.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. **Por um Socialismo Indo-Americano**. Michael Löwy (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- PELOSO, Ranulfo. **A Força que Anima os Militantes**. São Paulo: MST, 1994.
- SAMPAIO, Plínio de Arruda. **A Mística**. In: SAMPAIO, Plínio de Arruda.(org.) **Desafios na Luta pelo Socialismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.